


**POR UMA CENA PUNK
VIVA E ATIVA
QUESTIONADORA
E COERENTE!**

FORA SKINS
NEM NAZIS, NEM CARECAS, NEM FASCISTAS,
NEM RASHS, NEM SHARPS, NEM TRADS, NEM OI!

POR QUE SOMOS CONTRA A UNIÃO DE PUNKS COM SKINHEADS?

Tem surgido nos últimos tempos uma nova onda de infiltração de skinheads na cena punk/libertária, justificada pela proposta de uma suposta **“união anti-fascista”**. Alguns/mas defendem essa união, outr@s são contra, e outr@s ainda preferem não se posicionar por motivos diversos. Mas de toda forma tem sido comum atualmente a presença de skinheads que se dizem anti-fascistas em parte dos eventos e atividades punks e libertárias. E isso sem que existam maiores questionamentos sobre as consequências que esta união pode trazer (e já está trazendo) para as cenas e movimentações como um todo. Aqui trazemos apenas alguns pontos à discussão, que é muito ampla para que se possa escrever algo mais completo em um espaço tão reduzido, mas esperamos com isso gerar algumas reflexões a respeito do assunto, buscando não ser simplistas apesar do pouco espaço. Como este material foi inicialmente escrito baseado na realidade de São Paulo, muitos dos casos aqui citados se referem a esta localidade, mas tem ocorrido problemas semelhantes, em diferentes níveis, em muitos outros lugares. Uma lista de contatos dos grupos que assinam este material segue na última página, se quiser continuar este debate entre em contato!

SECTARISMO? PRECONCEITO?

As pessoas que de alguma forma se opõem a esta união tem sido frequentemente taxadas de **“sectárias”**, **“preconceituosas”**, ou coisas do tipo, parando a discussão por aí e esvaziando qualquer possibilidade de debate na cena punk e nas diversas movimentações libertárias. É importante lembrar que **este debate não se resume a “ser a favor ou então ser sectári@”**, o que seria logo de cara uma imposição absurda de que tod@s aceitem isso sem qualquer discussão. Sectarismo é algo muito mais amplo do que se negar a trabalhar com um grupo específico baseado em determinados argumentos, e reduzir o termo a isto não faz o menor sentido. Este debate envolve posicionamentos, experiências, visões e questões diversas – políticas, históricas, culturais, etc. Vamos colocar aqui algumas delas resumidamente, buscando contribuir com um debate que pouco é feito de uma forma mais profunda. Como dissemos, na maior parte

das vezes a discussão morre assim que as acusações de “sectarismo” são feitas, como forma de barrar tais reflexões.

Buscamos com nossos projetos, eventos e produções **uma movimentação punk/anarquista/libertária viva e ativa, coerente, crítica e questionadora**, e que se une e sempre se uniu com grupos diversos, **desde que esta união seja possível, sincera e com respeito mútuo**. E frente a esta atual realidade de infiltração dos skinheads, consideramos mais do que necessária uma discussão mais aprofundada entre punks e libertári@s, o que de forma alguma é sectarismo, mas sim um posicionamento baseado em coerência com nossas idéias e realidade. Como dizem @s companheir@s da Organização Anarcopunk de Lima/Peru, **“Não somos sectári@s e nem autoritári@s, só buscamos respeitar nossas posições, organização e objetivos de luta.”**



O “Espírito de 69”: Revisionismo histórico como forma de “apagar” parte da história

É frequentemente usado o argumento histórico de que no início do skinhead, no fim dos anos 60, não havia qualquer expressão de racismo e de que se tratava de uma cultura multi-racial composta por jovens operários ingleses e imigrantes negros jamaicanos que ouviam ska e reggae. Nesta lógica, as expressões subsequentes de nazismo e fascismo entre skinheads teriam sido meras cooptações de partidos e grupos nazis, e o verdadeiro skinhead seria um jovem operário íntegro, apolítico e sem preconceitos, que na década seguinte teve sua cultura “deturpada” e “cooptada”.

Esse “passado mítico” do skinhead tem sido buscado todas as vezes em que se quer “limpar a barra” e tirar de suas costas as décadas de espancamentos, ataques e assassinatos das chamadas “minorias” que foram protagonizadas no mundo inteiro por grupos que se proclamam skinheads (nazi-fascistas ou não).

Esta prática de tentar desvincular o skinhead das tantas ações intolerantes que foram feitas sob seu nome tem sido muito frequente na atualidade. E esta história, reescrita sem a presença de partes muito relevantes, foi contada tantas vezes e tão difundida pela internet, que se tornou uma verdade absoluta, constantemente usada pelas pessoas que tentam justificar uma união com estes grupos.

Nessa nova história maquiada e reescrita, geralmente são intencionalmente esquecidos alguns fatos realmente importantes sobre o surgimento do skinhead e sua história nas

décadas seguintes. Falaremos um pouco sobre eles nesta primeira parte do texto, como forma de relembrar o que se tem tentado a todo custo “empurrar pra debaixo do tapete”.

Se na atualidade tantos skinheads reivindicam esse “espírito de 69”, e suas origens tradicionais, quais seriam estas origens?

Desde o início os skinheads ganharam notoriedade por sua violência, seja nos

estádios em jogos de futebol (hooliganismo), em brigas entre gangues de skinheads por “território”, ou em espancamentos e confrontos nas ruas, que já nesta época atingiam imigrantes, homossexuais e tantas outras pessoas. O patriotismo também surgiu como elemento muito forte nestes primeiros skinheads ingleses.

**UMA CULTURA REACIONÁRIA QUE SURTIU
DO MACHISMO, DO NACIONALISMO, DO
ÉTNO-RACISMO E DA VIOLÊNCIA GRATUITA
NUNCA TERA MINHA SIMPATIA**



**SEU REVISIONISMO NÃO SERÁ ACEITO
CONHEÇO MUITO BEM A HISTÓRIA**

Paki-Bashing e espancamentos de imigrantes

Muitos foram os grupos que se tornaram alvos do estilo skinhead de violência. Como escreve Craig O'Hara em “A Filosofia do Punk – Mais do Que Barulho”, “esses *skins originais da Inglaterra no começo dos anos 60 não eram contra negros, mas ainda estavam manchados de racismo*”.

Ainda nos anos 60, em uma Inglaterra marcada por forte imigração, eram frequentes os espancamentos de imigrantes paquistaneses, árabes e asiáticos protagonizados por skinheads. Um dos

argumentos era o de que estes roubavam seus empregos (curiosamente o mesmo argumento usado por skinheads neonazis para espancar migrantes nordestin@s no Brasil).

Estas agressões eram conhecidas como **“Paki Bashing”**, e tidas pelos skinheads quase como um esporte. É possível encontrar menções ao paki-bashing em letras de bandas de skinhead reggae da época, como Claudette and the Corporation, em *“Skinhead A Bash Them”*.

Com o tempo formaram-se inclusive organizações anti-paquistanes@s como a Anti-Paki League (Liga Anti-Paquistanês) – formada pela gangue skinhead Tilbury Skins nos anos 70. O problema chegou a se tornar pauta de conversações entre os governos britânico e paquistanês, tendo ocorrido manifestações de rua de imigrantes contra os espancamentos, o que demonstra a gravidade dos mesmos.

Paki era o termo pejorativo usado para nomear paquistanes@s, mas tod@s @s imigrantes árabes e asiátic@s eram também incluíd@s pelos skinheads sob este termo, e tod@s el@s eram alvos de sua violência.

“A Grã-Bretanha tomou conhecimento do termo paki-bashing pela primeira vez na última quarta-feira. Um grupo de skinheads se gabava pela TV de ter espancado imigrantes de cor na Zona Leste de Londres, por pura diversão”. (Jornal Sunday Mirror, 1969)



Em meio a essa conjuntura de imigração, existiam também na política institucional representações fortes desta xenofobia. Enoch Powell (do Partido Conservador), por exemplo, fez um discurso em 1968 dizendo que a Inglaterra seria banhada por “rios de sangue” caso a imigração africana e asiática não fosse detida. Esse discurso é considerado por muit@s como grande

impulsionador para os espancamentos de imigrantes, e *“Rivers of Blood”* se tornaria mais tarde inclusive título para música de uma banda skinhead nazista. Segundo o skinhead George Marshall (*Espírito de 69 – A Bíblia do Skinhead*), Enoch Powell teria tido skinheads em sua guarda pessoal.

Ocorreram igualmente, no decorrer da história, espancamentos de imigrantes de origem africana, asiática ou hispânica protagonizados por skinheads nos EUA, e de outros grupos étnicos como turcos, marroquinos e muçulmanos em outras localidades, com lógicas de ação e argumentos muito semelhantes.

Contra-argumentos e “justificativas”

Um argumento muito usado quando se entra neste debate é a justificativa de que seria impossível que os espancamentos de imigrantes na Inglaterra dos anos 60 fossem expressões de “racismo”, já que se tratava de duas raças diferentes unidas nestas ações. Consideramos este argumento absurdo e sem qualquer fundamento: trata-

se de uma clara tentativa de tirar o peso que aquelas ações tiveram e têm na realidade. O racismo e xenofobia presentes nestes espancamentos são claros, e não é porque não existia um ódio generalizado a todos os grupos étnicos não-brancos e não-ingleses que se pode argumentar que não existia racismo ou xenofobia em tais ações.

Estes imigrantes falavam inglês com dificuldade (quando falavam) e não estavam integrados à cultura inglesa, tendo costumes muito diferentes. Em um estudo de caso sobre a prática do paki-bashing em uma região inglesa, o pesquisador Geoff Pearson descreve esta visão negativa d@ estrangeir@, que se construía a partir da seguinte idéia: “(...) eles falam uma língua diferente, comem comida peculiar que não cheira como a nossa comida, e se voltam a si mesmos”. Para um grupo tão pautado em profundo orgulho patriota como o skinhead, estas diferenças culturais reforçavam ainda mais os argumentos para os espancamentos.

Em “Subculture: the meaning of style”, o sociólogo Dick Hebdige complementa: *“Menos facilmente assimiláveis do que @s imigrantes caribenhos no acolhimento da comunidade, nitidamente diferenciad@s não apenas por características raciais, mas por rituais religiosos, costumes alimentares e sistemas de valores que encorajavam deferência, frugalidade e lucro, @s Paquistanes@s foram escolhid@s para as atenções brutais de skinheads, tanto brancos quanto negros.”*

Outro argumento comumente utilizado é o de que seria uma minoria que tinha essas atitudes ou que não se pode saber ao certo qual o número de pessoas envolvidas nestes casos. Mas uma mínima olhada para registros escritos dos próprios skinheads da época e mesmo artigos e pesquisas acadêmicas realizadas sobre este momento histórico deixam clara a gravidade, frequência e amplitude desses espancamentos. Em 25 de maio de 1970, por exemplo, o New York Times noticiou que no dia anterior, *várias centenas* de imigrantes paquistanes@s *“marcharam até a residência do primeiro ministro inglês Wilson*

para pedir proteção dos ataques de skinheads”. Esse tipo de manifestação com certeza não aconteceria se os espancamentos protagonizados por skinheads fossem realmente “casos isolados”.

“Fag Bashing” e homofobia

Outro ponto já presente neste momento é a homofobia – por meio dos constantes espancamentos de homossexuais, conhecidos como **“fag bashing”**, ou de homens que os skinheads simplesmente julgassem ter aparência “feminina”. Assim como ainda acontece nos dias de hoje, homossexuais eram vítimas frequentes desta intolerância e violência gratuita. Estes espancamentos geralmente aconteciam com participação de um grande número de skinheads, que atacavam em grupos grandes vítimas sozinhas. Eram muito comuns as notícias em jornais sobre espancamentos em banheiros públicos e outros locais semelhantes, onde skinheads



espancavam homens que julgassem ser homossexuais.

Um artigo do professor de criminologia Mark S. Hamm fala sobre essa questão. Se uma das vítimas dos skinheads eram “os estudantes de classe média e alta da London School of Economics e Cambridge,” “entre seus novos alvos estavam os homossexuais.” Segundo ele, “A definição operacional de “queer” pelos skinheads parece ter se estendido a todos os homens que por seus padrões pareciam estranhos”. Desta forma, espancar homens que considerassem estar fora dos padrões de “masculinidade” se tornou mais uma das práticas intolerantes dos skinheads.

Violência gratuita e intolerante

@s hippies, considerad@s suj@s e parasitas, eram também alvos frequentes desta violência. O skinhead George Marshall relata em seu livro que “(...) Os Pakis eram mais um inimigo que os skins acrescentavam à lista que já incluía hippies, gays, tarados em geral, Greasers e outros que aparentemente estivessem do lado errado da vida.” Neste sentido, encontramos referências sobre agressões a deficientes físic@s, estupros em estádios, dentre outros. Há inclusive referências sobre situações em que, em princípios dos anos 70 em algumas áreas de Londres, skinheads tivessem a prática comum de andar em blocos ocupando toda a largura da rua, bloqueando tod@s aquel@s que viessem na direção oposta.

Poderíamos citar aqui diversos pontos sobre a história, e mesmo trechos maiores de textos e relatos da época, mas este espaço seria pouco para isso. Para quem tiver interesse em pesquisar a respeito, existem textos e livros, alguns deles escritos pelos próprios skinheads que viveram a época, que falam sobre a forte presença de

patriotismo, machismo, violência e espancamentos de imigrantes e homossexuais como algo inerente ao skinhead desde sua origem, e mesmo sobre práticas semelhantes em outros momentos históricos. Existe também uma grande produção de pesquisas acadêmicas em inglês sobre o assunto.

Tensões entre branc@s e negr@s

As próprias tensões entre skinheads brancos e negros surgem muito antes da influência da National Front, quando em plenos anos 70 as músicas de reggae passaram a tratar de questões negras, África, libertação e sensibilização d@s negr@s. O que ficou conhecido como “Grande Guerra do Reggae”, fez com que a partir dos primeiros anos da década os skinheads passassem a se afastar cada vez mais da cultura negra e do reggae jamaicano, tornando o *skinhead reggae* algo muito distante de tudo isso.

Em uma edição do *Journal of Social History*, o historiador Timothy Brown fala um pouco sobre o contexto em que o skinhead passava naquele momento, e relata um conflito em um clube londrino neste período que é muito significativo:

“Em 1970, (...) a lua de mel ocasionada pela paixão dos skinheads pela música foi dando lugar a disputas territoriais entre garotos negros e brancos pelo controle dos principais clubes. Mais importante, em 1971, o reggae estava mudando, abrandando e adotando novos temas. Sob a influência do Rastafarianismo, a música começa a tratar de noções místicas da África e libertação negra que pouco tinha a ver com a “música de festa” que o reggae tinha sido. Combinado com o espírito crescente do orgulho negro – exemplificado pela música de Bob e Márcia “Young, Gifted and Black” – a mudança em foco começa a fazer da música menos agradável para jovens brancos aficionados do “skinhead reggae”. Em um emblemático exemplo, jovens

skinheads responderam ao tocar de “Young, gifted and black” [Jovem, Talentoso e Negro] cortando os alto-falantes do clube e lançando seus corpos violentamente para gritar “jovem, talentoso e branco!”.

O livro *Paint House*, que aborda a trajetória de uma das primeiras gangues de skinheads inglesas, formada em 1968, cita que os skinheads que a integravam já listavam judeus/judias, paquistaneses, hippies e mesmo jovens negros na categoria do que chamavam de “pessoas nas nossas costas”. Neste livro, escrito por Susie Daniel e Pete McGuire, um dos membros da gangue fala que “pelas costas, os jovens negros com quem crescemos juntos, irão pegar nossas garotas e trabalhos”, acrescentando que o “problema é, eles pensam que são tão bons quanto nós”.

Há referências dos próprios skinheads da gangue contando com orgulho sobre os espancamentos de paquistaneses que fizeram, e um outro diálogo publicado neste livro já coloca em questão o preconceito racial e xenofobia entre os skinheads desta que é uma das primeiras gangues:

- “Nós queremos domínio branco, queremos supremacia branca, certo?”
- “Não, queremos uma Inglaterra branca. Você quer um escravo negro?”
- “Não, eu só quero que eles vão para casa”.

Podemos perceber uma relação dos skinheads com a cultura jamaicana e negra muito mais pautada em uma ocidentalização européia de uma cultura afro, e não uma postura de se deixar influenciar pelos valores e características da mesma.



A respeito desta convivência entre brancos e negros no meio skinhead, o sociólogo Dick Hebdige reflete sobre como esta aliança entre brancos e negros era precária e provisória, com contínuos pontos de conflito, e brigas pelas garotas brancas. Para ele, foi somente colocando bodes expiatórios em outros grupos como homossexuais, hippies e imigrantes asiáticos que este conflito pode ser adiado: “Mais notavelmente, o “paki-bashing” pode ser lido como uma manobra de deslocamento por meio da qual o medo e a ansiedade produzidas pela identificação limitada com um grupo negro se transformou em agressão e dirigida contra outra comunidade negra.”

Skinheads, conservadorismo e tendências de direita

Todas as posturas, idéias e ações que surgem como características do skinhead em seu início nos mostram uma nítida tendência para as idéias da extrema direita. Em alguns dos estudos que citamos neste texto, pesquisador@s falam exatamente sobre os valores próprios desta cultura, vendo-as também como tendências claramente conservadoras. Clarke e Jefferson, por exemplo, apontam estes valores nas práticas skinheads: “O puritanismo cristalizado em oposição aos greasers e hippies hedonistas, e o chauvinismo no “queer bashing” e “paki bashing”, que podiam incluir qualquer homem que “não fosse masculino o suficiente” e pessoas de pele escura semelhantes a imigrantes paquistaneses”,

Para o historiador Timothy Brown, “A subcultura skinhead possuía, portanto, um potencial de direita, um potencial que veio à tona durante seu revival no fim dos anos 70 e início dos 80. Declínio econômico,

escassez de trabalhos, e aumento da imigração intensificaram as latentes atitudes racistas e de direita na sociedade britânica durante os anos 70 e 80, e os skinheads refletiram estes preconceitos de forma exagerada. Com sua reputação para violência e visões patriotas-nacionalistas, skinheads foram vistos como alvo particularmente atrativo para recrutamento pela direita radical. A National Front renovou seus esforços para ganhar o apoio da juventude de classe operária, fundando a Young National Front em fins de 1977. O abertamente nazista British Movement fez o mesmo, e com ênfase nos combates de rua, foi particularmente atrativa para os skinheads.”

Não podemos esquecer que outros grupos da juventude também foram alvo destas tentativas de cooptação, inclusive grupos punks, mas foi no meio skinhead que essas tentativas tiveram um êxito mais expressivo, tornando-se um dos maiores focos de recrutamentos de militantes para grupos da extrema-direita como a National Front e o

British Movement.

Há que se pensar também que, para além da “cooptação” por parte de partidos e grupos de extrema-direita, existiu de fato uma parcela significativa de skinheads que realmente se identificavam com este conservadorismo nacionalista e se uniram a estes partidos por encontrar no fascismo institucional a radicalização de idéias que estavam presentes em seu cotidiano desde o início.

Não afirmamos que o skinhead em sua origem tinha o fascismo ou o nazismo como ideologia definida. Porém, diversas das práticas e posturas aqui citadas se encaixem dentro dos valores comuns à extrema-direita, o que demonstra que o subsequente envolvimento com o nazi-fascismo foi consequência direta de tais práticas, costumes e formas de pensar. Para além disso, não é necessário que se tenha o fascismo como ideologia definida pra que seja possível que um grupo tenha práticas de caráter fascista.

O FASCISMO É A GUERRA E A MORTE



Acreditamos que buscar no passado uma “desculpa” para afirmar que skinheads não são isso ou aquilo só demonstra uma clara tentativa de revisionismo histórico, já que o próprio passado demonstra traços diversos de conservadorismo e intolerância que não podem ser esquecidos ou apagados.

O mito do “Verdadeiro skinhead” e as “deturpações”

Ao recontar toda essa história, geralmente os skinheads ditos “anti-fascistas” costumam reivindicar para si a qualidade de “verdadeiros skinheads”, sustentando que skinheads neonazistas e fascistas são deturpações do skinhead original. Entretanto, quando olhamos para todas as ações e valores destes grupos desde os anos 60, alguma coisa parece estar mal contada. E começa a parecer óbvio o interesse dos partidos e organizações de extrema-direita nos skinheads – algo que se deu mundialmente não só com skinheads, mas também com outros grupos juvenis, mas que, entretanto, teve aceitação assustadoramente majoritária dos skinheads da década de 80, que aderiram em peso às organizações de caráter nazi-fascista naquele momento.

Importante lembrar também que no Brasil a questão surge a partir do surgimento dos Carecas do Subúrbio, nos anos 80, e, adiante, um racha no grupo faz surgir os Carecas do ABC e White Powers. Todos grupos que durante toda sua existência protagonizaram diversos espancamentos, assassinatos e ataques dos mais diversos contra migrantes, imigrantes, morador@s de rua, negr@s, punks, homossexuais e outros grupos. Fica estranho, a partir de todo esse histórico que temos por aqui, um grupo que se forma décadas depois se reivindicar como o verdadeiro e autêntico. E na realidade, esta mesma reivindicação de serem os “verdadeiros skinheads” tem sido usada por Carecas, White Powers e outros grupos skinheads para invalidar os grupos rivais. Nada além de mais do mesmo.

Não se pode apagar o sangue e o histórico fascista que o skinhead tem no Brasil e no mundo sem mais nem menos, como se nada tivesse acontecido. Pode até ser que existam pessoas bem intencionadas nessa história

toda, mas o que se torna incompreensível é que se em teoria existe um fosso tão profundo entre Skinheads supostamente Anarquistas e Comunistas e Skinheads White Powers, qual o sentido de uma identificação cultural comum entre ambos? E isso principalmente levando-se em consideração todo o histórico que o skinhead tem no mundo desde seu início! Não seria mais coerente a uma pessoa que se afirma libertária buscar se distanciar disso tudo?

No âmbito das ações concretas, o que vemos é exatamente a reprodução desta já citada lógica de “limpar a barra do skinhead”. Panfletagens, textos, ações e faixas que, em todos os contextos, tem como único objetivo “mostrar” que skinheads não são fascistas, o que em última instância gera uma confusão enorme em meio à sociedade, que acaba por “limpar a barra” dos skinheads em sua totalidade, sejam eles Carecas, Neonazistas, Nacionalistas, e por aí vai.

Manifestações libertárias e políticas acabam se tornando palco para um oportunismo destes grupos, que sem buscar envolvimento praticamente nenhum com as reivindicações e pautas destas manifestações, usam estes momentos para difundir esta idéia de “bom moço skinhead” e mais uma vez aproveitar para “limpar a barra” e fazer publicidade de si mesmos.

Não há sentido algum, nem histórico e nem pautado na realidade atual, para que se afirme que skinheads nazi-fascistas são “deturpações” e que “skinheads anti-fascistas” são “os verdadeiros skinheads”. Isto não é nada além de uma busca por auto-afirmação que tem como consequência um “confusionismo” generalizado.

Também se costuma argumentar, para além da suposta “deturpação” do skinhead

original, que os skinheads nazi-fascistas são uma minoria dentro da cena skinhead. Mais uma vez relembramos que uma breve passada pelo histórico do skinhead no mundo irá nos mostrar um número gritante de casos de agressão, assassinatos, violência e ataques em diversos lugares. Não se trata de olhar apenas para as apelativas matérias da imprensa midiática, mas para pesquisas, relatórios, documentários, relatos de punks e militantes de movimentos sociais, e dos próprios skinheads que estiveram ali. Um número e uma história que demonstram o peso que tais indivíduos nazi-fascistas tiveram nesta dita cena. Discordamos de que sejam uma minoria, e é importante lembrar que nos últimos anos têm crescido novamente a

quantidade de ações intolerantes protagonizadas por estes grupos de extrema-direita. Vemos neste argumento mais uma forma de tentar “minimizar” o problema. Se o objetivo com todos estes argumentos era “mostrar que nem todos os skinheads são fascistas”, o que se consegue é criar uma ilusão para a sociedade de que quase não existem skinheads de extrema direita, e que se pode ficar tranquil@ porque todos os skinheads “verdadeiros” são anti-fascistas. E assim skinheads supostamente “verdadeiros” e “falsos” andam pelas ruas com seu mesmo visual e suas mesmas características culturais, todos eles protegidos pelas ilusões criadas com tais argumentos.

O SURGIMENTO DO OI!: MAIS UMA HISTÓRIA MAL CONTADA

A mesma prática de revisionismo tem sido utilizada quando o assunto é o surgimento do Oi! no início dos anos 80. É comum encontrar em textos na internet a história de que no final dos anos 70 o punk foi ganhando uma cara cada vez mais vendável e uma parte do movimento seguiu para um lado mais comercial, dando origem ao pós-punk, new wave, etc. Em contraposição a isso teriam surgido punks mais “crus” e agressivos, rueiros e suburbanos, que teriam dado origem ao Oi!/Street Punk. A conclusão desta história que é comumente contada é a de que a verdadeira expressão punk não-comercial da época seria o Oi! e a cena que se formou em torno dele, com forte presença de skinheads. Mais uma vez uma história de mão única.

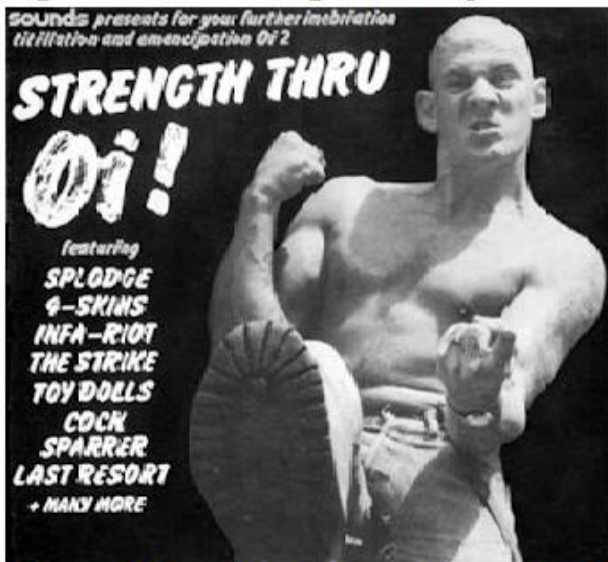
De fato os skinheads, que até o momento se encontravam em um período de decadência, apoiaram-se na explosão do punk para ressurgirem novamente, porém colocando-se como continuadores do punk “das ruas”,

através do Oi!, em uma história que com o advento da internet se tornou cada vez mais popular.

Quando o punk passa a ser apropriado e cooptado pela mídia, indústria musical e da moda, parte da movimentação punk vai adentrando um caminho de produção marginal e fora das grandes gravadoras e imprensa musical, e se tornam escassas as informações a respeito nestes grandes meios para aquel@s que não estão próxim@s destas movimentações. Muito longe de acabarem, seguiram cada vez mais para as propostas de faça-você-mesm@ e lutas libertárias. Assim, se por um lado havia street punks junto a skinheads no Oi!, por outro havia uma crescente cena Peace-punk que criava suas próprias publicações, zines, gravadoras/selos e produções diversas, se envolvendo em manifestações e movimentos sociais de forma cada vez mais politizada e libertária. De peace-punks surgiram diversos questionamentos quanto aos valores

envolvidos no Oi! e nestes skinheads, que para além de toda a cultura de briga e virilidade masculina que frequentemente destruía as gigs e eventos, tinham um forte discurso de culto as tradições, machismo e orgulho à posição de operário, enquanto @s peace-punks defendiam a destruição das classes, questionando este orgulho de serem explorad@s. São exatamente estes valores que vemos prevalecer até os dias de hoje nas músicas e práticas de grupos que se reivindicam como Oi!, e que para nós nada

**"Strength Thru Oi!" LP lançado por Garry Bushell em 1981 que definiu todo conceito de como seriam os "skunks" (união punk/skin)
Detalhe: O nome do LP é uma alusão ao slogan nazista "Strength thru Joy"**



Na capa o skinhead Nicky Crane símbolo dos skins anos 80, musculoso, patriôta, machista, briguento...



E aqui ele fazendo segurança para uma banda white power e se confraternizando com seus amigos nazis

tem a ver com o punk enquanto expressão contra-cultural.

O Oi!, inicialmente apenas uma gíria cockney com significado de saudação, foi o nome dado pelo jornalista Gary Bushell, a partir de uma música da banda Cockney Rejects. Bushell odiava a cena Peace-punk que se desenvolvia na época em torno de perspectivas anarquistas, igualdade entre gêneros, anti-racismo e intenso questionamento político e social. @s chamava pejorativamente de "hippies anarquistas", e utilizava-se da revista "Sounds" para atacar constantemente as atividades do Crass e da Dial House, comunidade onde viviam. No entanto, algumas "ofertas" vieram da cena Oi!, que não tiveram sucesso: Jimmy Pursey, da Sham 69, tentou formalizar um contrato com a banda Crass, informando que poderia incluí-los no "Pacote de Pursey" e fazer o "marketing da revolução", dizendo que nunca conseguiriam sem ele. A proposta foi negada, mas esse fato denuncia ainda a forma como os "expoentes" da cena Oi! tratavam tudo isso.

Foi através da mesma revista Sounds, em 1980, que Bushell deu nome ao que seria o Oi!. Ali escreveu uma série de conceitos sobre um "novo" punk, e apontava várias bandas como representantes desse "novo espírito". Também lançou diversas coletâneas Oi! dos anos 80, com bandas que no geral falavam sobre violência para passar o dia, esmagar nariz de hippies, hooliganismo, culto aos músculos e orgulho operário, como a Last Resort, que em uma de suas músicas fala: *"Eu estava andando pelas ruas com meus amigos, procurando um pouco de violência para passar o tempo, nós encontramos esse hippie idiota e ele tentou fugir, mas eu o soquei no nariz só para passar o dia..."*

Falando sobre o Oi! na revista Sounds, Bushell define:

"A mentalidade é essencialmente masculina, apesar de algumas garotas estarem envolvidas. É basicamente o que John McVicar chamou de machismo...O machismo definido corretamente é algo sobre honra, lealdade, força e resistência...O tipo de idéia que me atinge como um ideal muito mais preferível ao bunda-mole introspectivo defendido pelos hippies"

Outra citação sobre o Oi! é também bastante esclarecedora sobre qual sua mentalidade:

"Oi! é rock'n'roll, cerveja, sexo, frequentar gigs, tirar um sarro, puxar briga. É a nossa vida, nosso show, nosso mundo, nossa filosofia". (Garry Johnson, poeta e Oi!)

Com o passar do tempo as gigs de bandas Oi! foram se tornando com cada vez mais frequência palco para as brigas e demonstrações de força protagonizadas pelos skinheads, tornando a existência de muitas delas quase insustentável. O skinhead George Marshall relata este momento, em situações onde podemos perceber que o punk também vai se tornando alvo da violência intolerante dos skinheads, e que podem ser encontradas em inúmeros outros relatos: *"Na hora de acusar, todos os dedos apontavam na direção do skinhead, não sem motivo. Em se tratando de violência nas gigs de punks, eram sempre os skins que começavam a treta, e, se não começavam, acabavam. Isso não quer dizer que todos os skins estivessem a fim de detonar a música pela qual haviam pago ingresso para curtir, mas era um problema crônico que se tornava insustentável. Sempre havia um suposto skin partindo pra ignorância se o vizinho não tivesse o mesmo coturno, suspensório, cor ou distintivo na roupa. De repente, virou passatempo praticar a malhação do punk (...)" "Um ou outro*

quebra pau poderia ter sido controlado ou contornado. Mas a violência orquestrada em nome da política era algo bem mais sério. A questão é que grande parte dos skinheads que curtiavam o som da Sham e de outras bandas Oi! apoiava o National Front e o British Movement, duas organizações de extrema-direita cuja militância já tinha crescido bastante àquela época."

Em um artigo sobre a relação entre a cena skinhead e a música de caráter nazista, o historiador Timothy Brown fala sobre as relações que o surgimento do Oi! possibilitou dentro da cena skinhead para o surgimento de um estilo musical de extrema direita, citando alguns acontecimentos relevantes para entendermos este momento:

"Um evento chave para estabelecer a notoriedade da cena skinhead, e que representou a articulação simbólica entre o gênero musical e subcultura, violência e racismo, é a tão falada "Southhall riot", de julho de 1981. A revolta aconteceu em uma gig na Hambrough Tavern, na predominantemente asiática Southhall, subúrbio oeste de Londres. Southhall era a principal área de imigração asiática e também um forte alvo das provocações da National Front. Southhall havia sido anteriormente (abril de 1979) palco para dias de confrontos entre a polícia e a juventude asiática após o ativista anti-racista Blair Peach ter sido assassinado durante uma manifestação contra uma marcha da National Front. O alegado fracasso das autoridades para investigar adequadamente o assassinato de Peach deixou um legado de indignação que foi exacerbado pelos frequentes incidentes de "Paki-bashing." Com apresentações de três conhecidas bandas Oi!, The Business, The Last Resort e The 4 Skins, a gig foi vista como a gota d'água pelos jovens asiáticos locais, que acabaram com a apresentação queimando o lugar. Um grande número de skinheads foi

preso na confusão que se seguiu, e a imprensa se mexeu rapidamente para estigmatizar toda a cena skinhead como baluarte da extrema direita, apesar do fato da National Front não ter nenhum envolvimento direto com a gig.

O “pânico moral” resultante foi impulsionado pelo receio público sobre o segundo de dois álbuns de coletânea Oi! lançados pela revista Sounds sob o estímulo do jornalista Gary Bushell. O primeiro, Oi! The Album, ajudou a lançar o movimento Oi! em novembro de 1980. O segundo álbum, lançado apenas alguns meses depois da revolta de Southhall, tinha como título o trocadilho infeliz *Strength Through Oi!* (uma brincadeira com o nome da organização da era-Nazi “*Strength Through Joy*”). O álbum também destaca em sua capa uma fotografia de Nicky Crane, um conhecido skinhead que também foi organizador do *British Movement* em Kent. O álbum não foi financiado pela extrema direita, nem as bandas ali representadas eram necessariamente de direita, mas as conotações direitistas do título e arte da capa, levadas em conjunto com a violência em Southhall e os resultantes acusações de fascismo skinhead na imprensa, solidificaram a reputação de direita da cena skinhead e da música Oi!.

Ao prever, pela primeira vez, um foco musical para o skinhead que era “branco” – isto é, não tinha nada a ver com a presença de imigração caribenha e mínima conexão com as raízes musicais negras – o Oi! concedeu um foco musical para novas visões da identidade skinhead. (...)

Conferindo uma expressão musical à identidade skinhead que era exclusivamente branca (e, diferente do punk e ska, quase exclusivamente masculina), e em primeiro plano a violência como pilar do estilo de vida operário, o Oi! concedeu um ponto de entrada para uma nova marca do rock de extrema-direita.

Conforme o Oi! passa a ser associado com “música branca”, a relação entre causa e efeito foi revertida: para além de skinheads adotarem as crenças direitistas e expressá-las nas músicas, músicos com crenças direitistas começaram a adotar a cena skinhead – branca, masculina, violenta e patriota – como campo para se expressarem. Estes músicos trouxeram novas influências musicais ao Oi!, criando uma forma híbrida de “skinhead rock” que mantém sua filiação com a cena muito depois de ter deixado qualquer semelhança com o som “street punk” do qual o Oi! se desenvolveu.”

Se, por um lado, parte dos integrantes destas bandas tentaram a todo custo não serem colocadas como fascistas, seja buscando participar de eventos contra o racismo ou por meio de artigos de Bushell na revista Sounds, fato é que esta associação foi se tornando cada vez mais forte, sobretudo pelas práticas e valores envolvidos nesta cena. Embora na maior parte das vezes o argumento seja de que tudo isto foi apenas uma deturpação da mídia, há diversos fatos que estão aí, contados pelas próprias pessoas que viveram a época, e que trazem mais uma vez a tona valores conservadores que não compartilhamos de forma alguma.



SHARP, RASH e afins

Um dos grupos que tem reivindicado pra si o anti-fascismo é a SHARP – Skinheads Against Racial Prejudice, ou em português, Skinheads Contra o Preconceito Racial. A SHARP surge em meados da década de 80 nos EUA, com tendências claramente patriotas. O objetivo era mostrar que nem todos os skinheads eram racistas, porém este forte nacionalismo e orgulho americano ostentado por skinheads da SHARP causou diversos conflitos com grupos anti-racistas.

Um evento nos Estados Unidos deixa isto muito claro, em uma manifestação em quatro de julho de 1989, em Washington Square Park, onde havia SHARPs, punks, homossexuais, libertári@s e afins. Punks pretendiam queimar a bandeira americana e foram ameaçad@s pelos sharps com os dizeres "queimem a bandeira e queimaremos uma bicha", o que acabou mais uma vez em violência gratuita promulgada por skinheads e pessoas saindo brutalmente feridas. Já nos anos 90 acontece um racha no grupo que culmina com a formação da RASH (Red And Anarchist Skinheads), motivado pela grande quantidade de integrantes de direita no grupo e também pelo assassinato de um homossexual.

No Brasil, a SHARP surge pela primeira vez em São Paulo nos anos 90 com iniciativa dos Carecas do Subúrbio, que como possuem negros nas suas fileiras, afirmam ser anti-racistas. Entretanto, o fato de se assumirem contra o racismo nunca os impediu de assassinar e espancar homossexuais e punks, ou de se posicionarem enquanto extrema-direita nacionalista.

Esta “confusão ideológica” pode ser verificada da mesma forma em outras partes do mundo e momentos históricos. Por

exemplo, no caso de algumas dessas gangues anti-paquistanes@s formadas por skinheads na Inglaterra, como a Tilbury Skins, – fundadora da Liga Anti-Paquistanes@s – que diziam não ser racistas ou nazistas, muito embora propagassem o ódio a imigrantes baseados nos argumentos já citados anteriormente. Em uma entrevista no livro *Skinhead National*, Mick, um skinhead Trojan, afirma: *"Não somos nazistas. Anti Paki-League é específica, só porque eu odeio paquistaneses isso não me torna um nazista."*

Nos últimos anos surge uma nova onda de SHARPs, travestidos com uma nova roupagem, mas reproduzindo ainda muitos dos valores já citados aqui. Em São Paulo, surgem liderados por um ex-Careca do Subúrbio conhecido por sua homofobia, que de um dia pro outro resolveu ser anti-fascista. A RASH - São Paulo surge nos primeiros anos da década de 2000 com participação de uma ex-integrante dos Carecas do ABC. Nesse meio tempo pudemos vivenciar também a passagem de pessoas que se proclamavam RASHs ou SHARPs se unindo tempos depois a grupos de skinheads nazi-fascistas, o que aconteceu de forma muito parecida em Porto Alegre e outras localidades. Essa junção entre skinheads supostamente anarquistas e comunistas trás, ainda, uma grande quantidade de skinheads partidários, que militam em partidos como o PSTU, trazendo ainda outras problemáticas quando pensamos em atuação libertária, horizontalidade, anti-autoritarismo e a-partidarismo.

Falaremos um pouco a respeito das consequências trazidas na atualidade por estes grupos adiante.

Mudando de “lado”

Temos visto uma presença significativa de “ex-Carecas”, “ex-nazistas” e “ex-pilantras” que de hora para outra começam a se dizer “antifascistas”, muitas vezes após algum tipo de discussão ou problema com seus “antigos grupos”. Pessoas que durante anos cultivaram sua intolerância e a colocaram em prática por meio de extrema violência, e que de um dia para o outro dizem ter mudado radicalmente e se tornado “anti-fascistas” ou “libertári@s”. Há ainda aquel@s que se assumem como “Trads” (Skinheads Tradicionais), unicamente para ter passe livre em todos os rolês,



sempre priorizando a dita “cultura skinhead” acima de tudo, reivindicando o dito “skinhead original” (pautado em tudo aquilo que descrevemos anteriormente) e muitas vezes reivindicando que não se envolvem com questões políticas – o que no fim das contas é mera desculpa pra não justificar suas ações e o envolvimento que acabam tendo com todos os tipos de skinheads, mesmo carecas nacionalistas ou nazis.

O argumento para esta aceitação tão fácil de skinheads que há pouco andavam e defendiam grupos nazi-fascistas é quase sempre de que “as pessoas mudam e evoluem!”.

Sim, as pessoas mudam constantemente e isso é fato. Entretanto existe uma diferença entre acreditar na mudança das pessoas e ser ingênu@. É tudo muito cômodo não?

Difícil encarar todas estas mudanças repentinas como mudanças sinceras, e se assume um risco muito grande ao fazer isto.

E é fato que em diversos casos em localidades diferentes do Brasil, estes supostos skinheads anti-fascistas pouco tempo depois entraram para as fileiras dos skinheads nazis, e isso tem sido uma constante historicamente.

Aconteceu em São Paulo, aconteceu em Porto Alegre, e em diversos outros lugares. Em Brasília, por exemplo, há alguns anos atrás uma grande quantidade de indivíduos que reivindicavam o Oi! e buscaram se envolver na cena libertária pouco depois já estavam com carecas e nazis, partindo do Oi! como forma de aproximação. E vem acontecendo novamente com essa nova onda de skinheads anti-fascistas. Logo, a existência de confiança em uma união com estes grupos se torna ainda mais difícil.

A questão aqui não é unicamente a “migração” de um grupo para outro, o que no fundo é algo que se faz presente em diversos meios. Para além desta constante migração, o problema a se pensar e que salta aos olhos é a fácil aceitação que existe deste tipo de caso neste meio skinhead dito “anti-fascista”, e que deixa clara a inexistência de posicionamentos políticos concretos. Fora todo o risco que se tem ao aceitar isso sem maiores questionamentos, o que podemos perceber é uma motivação explicitamente ganguista nestas mudanças

repentinamente. Ontem fulan@ batia no grupo X, hoje bate no grupo Y: os alvos mudaram, mas talvez as posturas e valores não. Geralmente a forma de “provar” ao novo grupo que realmente “mudou”, é sair no rolê e bater em algum nazi. Mas isso realmente prova que uma pessoa é anti-fascista? Ou é só uma forma de “mostrar serviço”?

Isso tudo só explicita mais uma vez um anti-fascismo que é transformado em ganguismo puro e simples, apenas mais um rolê de treta sem qualquer vínculo real com as lutas sociais e políticas.

E neste ponto entra mais uma questão importante, que diz respeito aos valores que



estas pessoas estão trazendo para a cena. É fácil se autodenominar tal coisa e até sair na mão ou fazer coisas para mostrar serviço ao novo grupo. Mas o que mais estas pessoas estão trazendo? E tudo aquilo de conservador que o skinhead carrega culturalmente consigo não vem junto neste mesmo pacote? A atualidade nos mostra que sim, pois muitos destes valores que foram

descritos como inerentes ao skinhead em sua cultura se mostram constantemente reproduzidos por esta nova e confusa geração de skinheads. Nos últimos tempos tem sido visível em situações diversas até mesmo expressões de nacionalismo vindas de skinheads ditos anti-fascistas, argumentos de que usar a bandeira do estado de São Paulo é algo positivo e “revolucionário”, bandas oi! supostamente anti-fascistas expressando todo o seu machismo dizendo que “a burguesia serve para fazer filhas gostosas” ou cantando que “adoram buceta, churrasco e cerveja”, reivindicações de uma cena apolítica, ligações com bandas que pregam o “orgulho hétero”, e por aí vai. Até uma onda skunk ressurgiu das cinzas, carregando consigo @s punks desavisad@s. Num dia skinheads ostentam uma faixa com um símbolo com uma bandeira do Brasil, no outro pintam por cima da bandeira como se tudo estivesse resolvido. Garotas foram intimidadas e ameaçadas em plena Marcha das Vadias de 2012 em São Paulo por skinheads “anti-fascistas”, pelo simples fato de terem se negado a receber seu panfleto. E casos semelhantes de tentativas de “intimidar” e “ameaçar” têm sido constantes. Tem sido comum também o afastamento de diversas pessoas libertárias dos eventos e atividades punks, que por sentirem imenso mal-estar com a presença de skinheads e tudo o que isso acarreta, optam por não ir mais a determinados espaços ou participar de certas atividades. Enfim, são todos frutos desta aceitação do skinhead na cena punk e nos espaços libertários que ocorre sem grandes contestações.

Anti-fascismo colocado como sinônimo de ganguismo

O que muitas vezes se pode ver é a apropriação do termo “anti-fascista” como ganguismo puro e simples, baseado em quem sai na mão com quem, quem mata quem. E em meio a isso tudo, pessoas que poderiam estar aqui foram mortas.

Importante lembrar que anti-fascismo é uma luta que vai muito além de simplesmente sair na mão na rua, e que também não começou ontem – já que muit@s tem saído por aí se afirmando como se estivessem criando algo que não existia antes. Muito distante de uma rede de brigas e assassinatos, quando propomos um combate real ao fascismo, propomos a construção de uma sociedade pautada no respeito à diversidade, na liberdade e em formas não autoritárias e não hierárquicas de relação entre seres human@s, animais e a terra.

Anti-fascismo é uma luta com uma longa história. Desde as primeiras expressões de fascismo no mundo @s anarquistas estiveram na linha de frente deste combate. No Brasil, durante toda a década de 30 existiu um forte combate aos grupos integralistas, muitas vezes com confrontos diretos, mas também por meio da ação de dezenas de comitês, periódicos, manifestações de rua, debates e palestras

contra o avanço do integralismo. Há também uma contribuição inegável do Movimento Anarco Punk a partir dos anos 90. Desde esta época, anarcopunks abraçaram o anti-fascismo como uma importante bandeira de luta, se organizando com outros tantos

grupos e movimentos sociais numa luta que compreendiam que era ampla e deveria envolver a tod@s. Um exemplo importante desta atuação é o Projeto ACR – Anarquistas Contra o Racismo, que surge em meio a um período de forte atividade intolerante de grupos de skinheads

Carecas e

Nazis. Foram

criados

núcleos de

atuação em

diversos

estados e

cidades, e

agindo em

rede diversas

ações foram

realizadas,

como eventos,

debates,

palestras, manifestações de rua, materiais de denúncia, dossiês, projetos conjuntos com outros movimentos, entre outros. E esta história de atuação segue até os dias de hoje...Enfim, esta luta tem sua história e não começou hoje, entretanto tem sido tratada como se estivesse sendo criada agora, neste momento, com o surgimento da nova onda “skinhead antifa”. E muita gente prefere comprar esta idéia sem procurar saber mais sequer sobre a história recente da luta anti-fascista.

"Punks Against Facism" Anarquistas, Hippies e Punks em passeata pró-gays 1978



Em qual atividade política estavam os skins nessa mesma época?



A Cena gringa: mitos e fatos

Outro argumento que costuma ser muito usado é o de que na Europa e outros lugares esta união é um fato, e de que aqui no Brasil somos muito sectári@s. Embora existam, assim como aqui, pessoas ou grupos libertários a favor de uma união ou trabalho conjunto com skinheads, fato é que uma simples conversa com anarquistas e punks de outros países já nos traz diversas informações problemáticas quanto a este trabalho com skinheads, pautados em diversos valores conservadores, machismo, nacionalismo, violência gratuita, culto ao corpo, dentre outros.

São inúmeros os relatos de punks de diversos países e em diversas épocas que falam sobre como a presença de skinheads em gigs punks quase sempre acabava em violência, e isso fez com que muitos espaços nos Estados Unidos, por exemplo, proibissem a entrada de skinheads deixando claro que “não tolerariam sua violência estúpida”, conforme conta Craigh O’Hara em a Filosofia do Punk:

“Os skinheads dos EUA, em geral, tornaram-se nada mais do que uma onda juvenil. Sua única ameaça é à comunidade punk, com quem ainda há muitas brigas em shows maiores. Embora a maioria dos skinheads norte-americanos não seja mais racista, eles ainda são brigões patriotas e ignorantes. (...) No passado, poucas bandas tinham coragem de manifestar-se contra skinheads em seus shows devido à ameaça de violência, mas isso está mudando. Existem casos em que cidades que sediam shows impedem a entrada de skins e outros casos de clubes que deixam claro que não irão tolerar a violência estúpida desse grupo.”



Muitos destes relatos deixam claro também que a questão em diversas localidades é muito mais de “tolerância” do que de “aceitação” e “união”.

Existem bandas e grupos de diversos países que igualmente se opuseram a esta união, que se negam a tocar com bandas oi! ou skinheads, que falam a respeito disso em suas letras, ou grupos e indivíduos que deixam clara sua negativa em realizar trabalhos conjuntos.

Não negamos aqui que existe presença de skinheads que se dizem anti-fascistas em atividades do meio libertário em outros lugares, mas dizer que lá fora há um consenso em relação a isso e que todas as pessoas aceitam seria uma mentira. E como dissemos, em muitos casos esta presença skinhead se dá com inúmeros dos problemas já apresentados.

Outra questão a se pensar é na realidade que existe em cada lugar, e que propicia determinadas coisas ou não. Fato é que a realidade no Brasil é muito específica em relação a skinheads desde que estes surgiram por aqui, e tentar mudar esta história “apagando” tudo o que existiu antes e que segue ainda existindo é uma prática que beira o absurdo!

Mais algumas idéias...



ligados ao punk, princípios ligados ao anarquismo.

Apesar das diversas tentativas de cooptação, acreditamos que o punk nada tem a ver com o skinhead e que esta união tem trazido muito mais coisas negativas do que positivas, e isto deve sim ser problematizado. Por ver as diversas consequências que isso tudo tem tido, acreditamos na importância de que nossas vozes se façam presentes, e deixamos claros os porquês de nossa contrariedade, seja em nossas atividades, debates, materiais e produções faça-você-mesm@. Incentivamos todas as pessoas que também tem críticas semelhantes a dar voz a elas, porque fato é que o que muitas vezes acontece é uma omissão de muit@s, que não se sentem a vontade para expor suas idéias devido às inúmeras formas de “intimidação” que são usadas.

Sim, somos contra, e como dissemos a discussão aqui não se resume a aceitar ou “ser sectári@”. Entretanto, para aquel@s que têm suas dúvidas, vejam com seus próprios olhos, não estamos aqui para impor nada a ninguém, estes são apenas nossos pontos de vista e posicionamentos, baseados em tudo o que já vivemos. Seguimos com nossa movimentação, nos unindo sim com outros tantos grupos, movimentos, guerreir@s e companheir@s!

Antes que se venha com contra-argumentos dizendo que na história do punk existiu isso ou aquilo, ou de que tem um punk que virou

isso ou aquilo, ou que faz isso ou aquilo, como forma de contrapor tudo o que aqui foi falado sobre skinheads, gostaríamos de deixar claro que o punk nunca foi perfeito e nem será, e que sempre nos posicionamos e nos posicionaremos frente a problemas que possam surgir na movimentação punk e libertária. Buscando coerência com nossas idéias e propostas, todos estes problemas serão sempre alvo de reflexões e discussões coletivas. Mas neste debate que aqui colocamos, redirecionar o problema para o que o punk possa ter de incoerências práticas torna-se unicamente uma forma de tirar o foco da questão. Entretanto, é inegável a estreita relação que o punk, enquanto cultura de contestação social desenvolveu no decorrer de toda a sua história com idéias e práticas libertárias, faça-você-mesm@ e questões sociais, e existem sim diferenças enormes entre os valores do punk frente aos valores do skinhead. Mas isto seria assunto para mais um texto inteiro!

Esperamos que este pequeno material tenha trazido algumas reflexões sobre essa questão, que como dissemos no início, é bastante complexa pra que seja tratada em poucas páginas. Para quem quiser seguir com esse debate, é só entrar em contato por meios dos e-mails e endereços na última página. Se você concorda com o que está aqui e quer colocar a assinatura do seu grupo, zine, banda ou projeto, é só entrar em contato também pelo email **info@anarcopunk.org**

ARRIBA L@S QUE LUCHAN! FORA SKINHEADS!

ASSINAM ESTE MATERIAL:

Coletivo Anarcopunk Diversidade (São Paulo/SP-Criciúma/SC - diversidade@anarcopunk.org) | **Anarcopunk.org** (info@anarcopunk.org) | **Coletiva Anarcafeminista Marana** (São Paulo/SP) | **Grupo de Estudos e Atividades Anarquistas – GEAA** (Campina Grande/PB) | **Heresia Coletiva** (Campina Grande/PB - http://heresia-coletiva.blogspot.com/) | **Coletivo Anarcopunx+Crusties** (São Paulo/SP) | **Coletivo Crust or Die** (Salvador, Simões Filho e Lauro de Freitas/BA) | **Movimento Anarcopunk de São Paulo** (map.sp@anarcopunk.org) | **Projeto Anarquistas Contra o Racismo - Criciúma/SC** (isribeir@hotmail.com) | **Projeto Anarquistas Contra o Racismo - Itapira-SP** | **Coletivo Ação Antisexista** (Porto Alegre/RS – acaoantisexista@subvertising.org) | **Núcleo Anarco Noise** (São Paulo/SP) | **Coletivo Gato Preto** (Guarulhos/SP) | **Movimentação Punk Libertária de João Pessoa/PB** - diiniz@hotmail.com | **Orgap – Lima** (Peru - orgaplima@riseup.net) | **Imprensa Marginal – Editora e distro Anarcopunk & Anarco.Filmes Produções** (São Paulo/SP - imprensa_marginal@yahoo.com.br) | **Unleashed Noise Recs.** (São Paulo/SP - unleashednoiserecs@gmail.com) | **Cinque Recs.** (Sorocaba/SP) | **Ruído de Idéias Distro** (Natal/RN) | **Distro Punk! Resistência di Favella** (Carapicuíba/SP) | **Malamikojn de Sistema Anarco-Punk Prod.** (Itapira/SP) | **Zine Insanity Crusties** (Osasco/SP - insanitycrusties@gmail.com) | **Zine Visual Agression** (São Paulo/SP) | **Zine A Hora da Vingança** (João Pessoa/PB) | **Zine Cavera** (Atibaia/SP) | **Zine Cruelty** (Campina Grande/PB - rafaelbastard@hotmail.com) | **Zine Kustura Patche** (Fortaleza/CE - kalangopunk@hotmail.com) | **Zine Nem Escravas Nem Musas** (Porto Alegre/RS) | **Zine Eutanásia** (São Paulo/SP) | **Zine Destroyer** (Brasília/DF - sufrimiento.crust@gmail.com, verdeacrata@riseup.net) | **Zine Existência Frustrada** (Ribeirão Preto/SP - romanoeros@hotmail.com) | **Iscrotto Zine** (Carapicuíba/SP - andredrg@bol.com.br) | **Nuvem Negra Zine** (São Paulo/SP - nuvem.negra.zine@gmail.com) | **Zine Escombros** (Wagner/BA - xmu3dorx@riseup.net) | **Banda Sujeito a Lixo** (Atibaia/SP) | **Banda No Masters** (Porto Alegre/RS) | **Banda Kontraätäkär** (São Paulo/SP - kontraatakar.punk@gmail.com) | **Banda Ferida** (Porto Alegre/RS) | **Banda Banquete dos Vermes** (João Pessoa/PB - diiniz@hotmail.com) | **Banda Cú** (Araçatuba/SP - cadaverdosersupremo@yahoo.com.br) | **Banda No Order** (Sorocaba/SP) | **Banda Dischaos** (São Paulo/SP - dis-chaos@hotmail.com) | **Banda Skarnio** (São Paulo/SP) | **Banda Delirium Tremens** (Campina Grande/PB - rafaelbastard@hotmail.com e vespargh@gmail.com) | **Banda Angustia No** (Campina Grande/PB - vespargh@gmail.com e luan.klebergf@hotmail.com) | **Banda Ni Una Más** (São Paulo/SP - niunamas@live.com) | **Banda Rancor** (Salvador, Simões Filho e Lauro de Freitas/BA) | **Banda Mácula** (Salvador, Simões Filho e Lauro de Freitas/BA) | **Banda e zine Agnósia** (Salvador, Simões Filho e Lauro de Freitas/BA) | **Banda Revolta Popular** (São Paulo/SP) | **Regicidas** (São Paulo/SP – regicidas@hotmail.com) | **Banda Gracias Por Nada** (Brasília/DF) | **Banda Corre que Jesus Voltou** (São Bernardo/SP – correquejesusvoltou@hotmail.com) | **Banda Kove Py'aratâ** (Cuiabá/MT - cx postal-24 cuiaba/Mt 78005970) | **Projeto Lágrimas de Dor** (Franca/SP - tiago.morato_libertario@hotmail.com) | **Banda Nuclear Frost** (São Paulo/SP) | **Banda C.U.S.P.E.** (Campina Grande/PB - cuspe_hc@yahoo.com.br) | **Banda Invazão** (Curitiba/PR - invazao@hotmail.com) | **Banda Taiko** (São Bernardo/SP - jones.adv@gmail.com) | **Banda Peligro** (Sorocaba/SP) | **Banda Repúdio** (Pelotas/RS - resistir_e_lutar@hotmail.com) | **Banda No Rest** (Porto Alegre/RS) | **Banda Exclusos e blog Autonomia e Autogestão** (Cruz das Almas/BA - euprotesto@riseup.net) | **Anarcofunk** (anarcofunk@gmail.com) | **Augusto Miranda** (São Paulo/SP - miranda.guto@gmail.com) | **Vitor Barbosa** (Rio de Janeiro/RJ - geo.vasconcellos@gmail.com) |